

# ABASTECIMENTO DA ILHA DA TRINDADE

OSCAR MOREIRA DA SILVA\*  
Contra-Almirante (Ref<sup>o</sup>)

---

## SUMÁRIO

O arquipélago

Um pouco da história da ilha

Algumas curiosidades sobre a ilha

Abastecimentos pela Corveta *Imperial Marinheiro*, 1969

*Primeiro abastecimento*

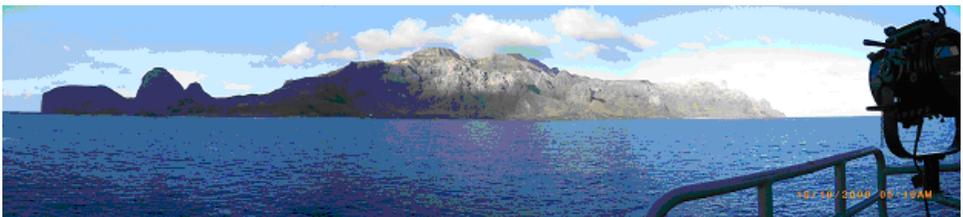
*Outro abastecimento*

## O ARQUIPÉLAGO

O Brasil começa lá. O arquipélago composto pelas Ilhas da Trindade e de Martin Vaz constitui o ponto mais a leste do território brasileiro. Fica isolado no meio do Oceano Atlântico, distanciando da nos-

sa costa, no paralelo da cidade de Vitória, cerca de 600 milhas náuticas (1.180 km).

A Ilha da Trindade, de origem vulcânica e de costões íngremes e rochosos, tem 9 km<sup>2</sup> de área, onde encontramos uma dúzia de praias, quase todas de solo pedregoso e de corais, e uma terra vermelha e vegeta-



\* O autor era, na ocasião, o Imediato do navio.



ção rasteira. Sua vegetação é escassa, mas apresenta uma fauna marítima riquíssima.

O clima na área é oceânico tropical, com temperatura média anual próxima de 25°C. O período chuvoso se dá entre os meses de abril e outubro, quando o tempo muda constantemente em poucos minutos. O sol forte, diversas vezes, é coberto por aguaceiros, conhecidos como “pirajás”, que, da mesma maneira que chegam, vão logo embora.

As tartarugas-verdes, em grande quantidade, fazem as suas desovas na Ilha da Trindade. Além delas, a ilha abriga uma floresta de samambaias gigantes, espécie endêmica, que se prolifera no Pico do Desejado, o mais alto da ilha, com 620 metros de altitude.

A Ilha de Martim Vaz fica afastada da Trindade cerca de 49 km. A superfície da Martim Vaz não chega a meio quilômetro quadrado de área. A vegetação é rasteira





As samambaias gigantes

no topo e não há presença humana, apenas aves migratórias.

O arquipélago pertence a uma cadeia de montanhas submersas do Oceano Atlântico, numa linha reta que vai desde o estado do Espírito Santo em direção ao continente africano. Nesse caminho encontramos profundidades abissais que atingem 5 mil metros.

## UM POUCO DA HISTÓRIA DA ILHA

Em março de 1501, o navegante espanhol Juan da Nova, a serviço de Portugal, partiu de Lisboa para a Índia. Ao se defrontar com mau tempo e fortes ventos no Atlântico Sul, foi obrigado a mudar o rumo para oeste, o que resultou na descoberta deste novo pedaço de terra, que foi batizada de Ilha de Assunção.

Um ano após, o português Estevão da Gama, também indo para a Índia, visitou aquela mesma ilha. Ignorando a descoberta anterior, ele deu o nome de Ilha da Trindade, mantido até hoje. Em 1539, o rei de Portugal, Dom João III, doou o território a um fidalgo da Casa Real, o qual nunca tomou posse.

Em 1675, um condenado sodomita holandês de nome John Mawson foi deixado na Trindade à sua própria sorte. Ele permaneceu na ilha por cerca de cinco meses, onde escreveu um interessante diário encontrado junto a seu esqueleto muitos anos depois. Em suas anotações, ele descreve as explorações que fazia pela ilha em busca de comida e água, ambas escassas. Ele cita a presença de cabras, mas não faz qualquer referência aos caranguejos, hoje uma verdadeira praga na ilha. Esse tipo de caranguejo só existe no Caribe, o que nos leva a deduzir que os da Ilha da Trindade não são nativos e provavelmente vieram de lá. Era comum os portugueses colocarem animais nas ilhas, visando aos naufragos que pudessem chegar até elas. Daí, talvez, a presença das cabras naquela época. Ele, o condenado holandês, fala também das aves marinhas, dos poucos passarinhos e das tartarugas, fontes de sua alimentação.



Em 1700, o astrônomo inglês Edmond Halley, durante uma expedição no Atlântico, desconhecendo a descoberta de Portugal, ao passar pela ilha resolveu tomar posse dela em nome de seu governo.

Em 1781, a Inglaterra ocupou a ilha com tropas militares, o que foi contestado imediatamente pelos lusos. Dois anos depois, o vice-rei do Brasil, Luiz de Vasconcelos, enviou 150 militares a bordo da Nau *Nossa Senhora dos Prazeres* para retomar a ilha dos ingleses, mas ao desembarcarem constataram que ela fora abandonada recentemente. Portugal, então, resolveu colonizar a ilha, assentando alguns açorianos na Trindade. Estes, em pouco tempo, verificaram que o solo era improdutivo e não se prestava à lavoura. A ilha passou a servir como presídio e nela ficaram os militares para a guarda dos prisioneiros. Em 1795, a ilha voltou a ser desocupada e abandonada pelos portugueses.

Exatamente um século mais tarde, já Brasil República, a Inglaterra novamente voltou a ocupar Trindade, declarando-a terri-

tório britânico. No ano seguinte, em face das várias tentativas de mediação, os ingleses resolveram deixar a ilha, inclusive retirando os sinais de sua posse.

Em 1897, o cruzador brasileiro *Benjamin Constant* demandou a ilha para a ocupação oficial e definitiva, quando foi fixado um marco na encosta do Morro do Pão de Açúcar, com duas placas comemorativas.

Durante a Primeira Guerra Mundial, o território foi ocupado por tripulações militares e ao seu término novamente abandonado. Entre 1924 e 1926, a ilha foi adaptada para servir de presídio político. A imagem de Nossa Senhora de Lourdes, naquele período, foi colocada numa gruta que tomou o seu nome.

Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, a Marinha do Brasil voltou a ocupar Trindade, em face da sua localização estratégica no Atlântico Sul. Esta ocupação durou até junho de 1945.

Em 1950, a ilha foi visitada por uma expedição científica com a finalidade de se planejar uma colonização e a construção



O Poit – Posto Oceanográfico da Ilha da Trindade

de uma base aeronaval, mas somente em 1957 a Ilha da Trindade foi definitivamente ocupada por militares da Marinha do Brasil, com a criação do Posto Oceanográfico da Ilha da Trindade (Poit), que até hoje protege o território.

Quase 40 homens da Marinha servem no Poit, em sistema de rodízio, por quatro meses. A cada dois meses, metade da tripulação é substituída. O Poit tem como principal tarefa a ocupação da ilha, garantindo a soberania territorial brasileira, além de vigiar o tráfego marítimo nas proximidades e coletar dados meteorológicos e oceanográficos, que são divulgados para vários lugares do mundo.

### ALGUMAS CURIOSIDADES SOBRE A ILHA

A Ilha da Trindade sofreu várias alternâncias entre ocupações e abandonos, sendo que na sua última desocupação fo-

ram deixados alguns animais estranhos à fauna da ilha, uns tantos porcos e galinhas-d'angola, além dos cabritos. Com o tempo todos se tornaram selvagens. Os porcos ficaram na parte mais baixa da Enseada dos Portugueses e passaram a se alimentar dos caranguejos, as cabras permaneceram nas escarpas rochosas da ilha, e as galinhas-d'angola foram para o Desejado.

Com a ocupação do Poit, os porcos selvagens, de carne com gosto de peixe, foram sumariamente dizimados. Consequentemente, os caranguejos se proliferaram como formigas e passaram a ser uma praga na ilha, inclusive atacando as recém-nascidas tartarugas nas praias. Esses caranguejos, magros e de coloração amarelo-esverdeada, se alimentam das raízes das plantas rasteiras que a ilha possui. Quando alimentados com restos de comida caseira, eles pegam corpo e mudam para uma cor grená e adquirem gosto apetitoso, dando origem a várias caranguejadas entres os ilhéus.



Os caranguejos da Ilha da Trindade



A “Cabrita”

As cabras, que hoje já não existem mais na ilha, se alimentavam da relva junto às nascentes, o que provocava uma redução no abastecimento de água da ilha. De vez em quando, uma pequena expedição armada tinha que subir aos picos para matar as cabras e, com isso, reduzir o rebanho predador. Alguns cabritinhos eram trazidos para o povoado e criados ali até que seu dono retornasse ao continente.

Já as galinhas, no topo do Desejado, por não causarem danos ao meio ambiente, não eram caçadas, mesmo porque eram de difícil captura, pois, na presença de um ser humano, voavam para o tope das samambaias gigantes, de onde ninguém as tirava. Alguns ovos eram colhidos nos ninhos rasteiros e trazidos para baixo, onde melhoravam a refeição da tripulação do Poit. Algumas vezes esses ovos eram chocados, e os pintinhos criados no povoado também eram levados quando os homens regressavam para suas casas ao fim da comissão.

Consta, não sei se é lenda, que, numa determinada época sob a ocupação do Poit, foi trazido para a ilha um burro para ajudar na puxada da “cabrita” (espécie de balsa que faz a transferência de carga e pessoal entre o navio abastecedor e a ilha), mas toda vez que um navio se aproximava da ilha e no apito do fundeio o burro fugia do povoado e ia para o alto do morro, de onde não havia quem o fizesse descer. O burro, algum tempo depois, foi devolvido à granja que a Marinha mantinha em Duque de Caxias.

### **ABASTECIMENTOS DA CORVETA IMPERIAL MARINHEIRO, 1969**

#### **– Primeiro abastecimento**

Há 40 anos, a Corveta *Imperial Marinheiro* – V15 –, recém-transferida da Força de Submarinos para o 1º Distrito Naval, com sede no Rio de Janeiro, era comandada pelo então Capitão de Corveta Roberto de

Queiroz Guimarães. A tripulação, ainda acostumada aos exercícios e ao apoio aos submarinos, enfrentava agora uma nova vida operativa, envolvendo tarefas inéditas de socorro e salvamento.

Estava a corveta no porto de Santos, gozando de um fim de semana sem socorro, quando recebeu a ordem do Distrito para retornar urgente ao Rio de Janeiro para completar o abastecimento da Ilha da Trindade, visto que o aviso oceanográfico – AvOc – que foi fazer a faina perdeu os dois ferros e teve que regressar, deixando em terra mais 17 homens que iam substituir outros tantos pelo fim de comissão e mais alguns técnicos da Organização das Nações Unidas (ONU), que foram fazer reparo na estação meteorológica da ilha.

Além disso, a “cabrita”, que estava, a meio caminho, estaiada no navio e em terra, emborcou e afundou. Depois a balsa foi puxada para a ilha e lá ficou encalhada, mas inoperante.

Ao chegar ao Rio, atracamos no cais da Diretoria de Hidrografia e Navegação (DHN), onde recebemos da Base Moraes Rego, por determinação do vice-diretor da DHN, o Capitão de Mar e Guerra Roxo de Freitas, uma “cabrita” sobressalente e dois soldadores. Recebemos também mantimentos e sobressalentes. Participamos de algumas reuniões e palestras para conhecer os detalhes da ilha e da nova tarefa imposta à corveta.

Esta primeira viagem transcorreu sem qualquer tipo de problema, com céu limpo e mar tranquilo todo o tempo. A travessia de ida levou o tempo esperado de três dias, para a velocidade da corveta.

O fundeio a 300 jardas da Praia dos Portugueses, onde se situa o Poit, foi feito com a precisão adequada. Os cabos foram passados para terra e a balsa sobressalente arriada na água. O comandante tomou como primeira ação trazer os militares que termi-

naram o tempo na ilha e os técnicos que foram deixados indevidamente em terra. Por sinal, um deles, usando a mesma roupa há mais de uma semana, fedia tanto que o comandante o mandou logo para o chuveiro e emprestou-lhe uma andaina de roupa limpa.

O abastecimento foi feito com muita tranquilidade. A “cabrita” acidentada que estava na ilha foi desencalhada, içada para bordo, reparada pelos soldadores da Moraes Rego e devolvida para a ilha. A balsa sobressalente da Moraes Rego foi recolocada a bordo para voltar com o navio (o Comandante Roxo de Freitas não permitiu que ela ficasse na ilha).

Todo navio da Marinha que vai a Trindade para abastecimento é obrigado a passar, no mínimo, dois dias fundeado para apoio psicológico aos ilhéus. Aproveitando que a faina também foi rápida, uma boa parte da tripulação baixou a terra. Houve até uma pelada de futebol contra a tripulação do Poit. Somente o pessoal de serviço no horário e o comandante não foram para terra. Este último não foi seguindo uma das recomendações do diretor de Hidrografia, Almirante Melo Baptista. O navio e alguns oficiais ganharam, durante a confraternização, alguns caixotes repletos de caranguejos para levarem a bordo.

A volta foi tranquila como a ida, apenas o cantar contínuo das galinhas-d’angola (tôfraco, tôfraco...) e os trinados “méeeees” das cabras que vieram no convés, que incomodavam bastante.

Os caixotes com os caranguejos foram estivados no paiol de mantimentos. Um deles caiu pela escotilha e se espatifou lá embaixo no paiol. Foi caranguejo para tudo quanto é lado. A partir daí não se viu mais nenhum rato no paiol (provavelmente assustados pelos ruídos produzidos pelos caranguejos fujões) e três meses depois ainda se encontrou um representante dos caranguejos entocado por trás de uma caverna.

O imediato também ganhou um caixote cheio de caranguejos. Chegou em casa todo satisfeito com aquela novidade. Colocou o caixote na cozinha e pediu que todo resto de comida deveria ser colocado no caixote para alimentar os animais. Depois de uma semana o caixote estava estufado de robustos caranguejos, prontos para a primeira caranguejada familiar. Um ininterrupto crepitar vinha da caixa de madeira, razão da superpopulação no seu interior. Parecia que ia, a qualquer instante, explodir. Para aliviar a tensão, à noite foi colocada numa panela com água fervente uma dúzia dos apetitosos caranguejos para cozinhar. Lá dentro do caixote ainda restaram algumas dezenas deles. Foi uma caranguejada festiva em casa.

Na tardinha do dia seguinte, o oficial, a mulher, os dois filhos pequeninos e a babá foram a uma festa de aniversário, regressando por volta das 9 horas. Ao abrir a porta, depararam com uma verdadeira horda

de caranguejos, espalhados por toda a casa – um verdadeiro pandemônio. Colocaram as crianças, já dormindo, em suas camas e fecharam as portas do quarto. A preocupação maior era não permitir que os caranguejos atacassem as crianças. Iniciaram então a caça aos crustáceos, colocando-os de volta no caixote. As mordidas eram frequentes, seguidas de pequenos gritos. Isto durou mais de uma hora. No caixote não cabia mais nada, mas ainda eram tantos os que perambulavam pela casa que resolveram mudar a tática. Colocou-se água para ferver e a partir daí os caranguejos encontrados eram jogados na caçarola e cozidos. Com a panela já transbordando de caranguejos, partiram para nova etapa: colocar os caranguejos capturados em um saco reforçado de lixo para, no dia seguinte, doar para os empregados do prédio ou jogá-los fora.

Por volta da meia-noite, quando não se ouvia ou via qualquer sinal de caranguejo,



Monumento

deram como terminada a faina e foram dormir. De madrugada, o imediato ouviu um barulho dentro da cesta de brinquedos das crianças, acendeu a luz e, quando abriu a tampa da caixa, deparou com mais um caranguejo brigando com um brinquedo de isopor dos meninos. Esse acho que foi arremessado pela janela.

Com o tempo, todos os caranguejos foram degustados pela família e por alguns amigos, mas cerca de dois meses após àque-la fuga geral ainda se encontrou um crustáceo debaixo da cama da empregada.

### *Outro abastecimento*

Em outra oportunidade, também em emergência, a corveta foi designada para completar o abastecimento do AvOc comandado pelo Capitão de Corveta Mucio Simão, que outra vez teve problemas e não pôde completar a tarefa. A *Imperial Marinheiro* – V15 – atracou novamente no cais da DHN, embarcou os suprimentos, especialmente tambores de óleo diesel, e em dois dias suspendeu rumo a Trindade.

Ao sair a barra, o navio se defrontou com uma forte ressaca, mar bem encapelado e, durante os caturros, ondas cobriam toda a proa e se chocavam na antepara do pas-sadiço. Num desses mergulhos da proa, o mar penetrou no paiol de proa, provocando um curto-circuito no controlador da máquina de suspender e salgando o tanque de aguada de proa. A partir daí perdemos um tanque de água potável e só teríamos uma única chance de fundeio, pois o içamento do ferro, manualmente, por meio de manivela, demandaria um certo esforço e seria bem demorado.

Ao contrário do primeiro abastecimento, pegamos mar bravo de proa e tempo fechado durante toda a ida. A travessia, que normalmente leva três dias na velocidade da corveta, levou quatro. O cozinhei-

ro não conseguia cozinhar, pois as panelas deslizavam e caíam do fogão. Passamos a comer frutas e rancho frio (tipo sanduíches). O problema da máquina de suspender, acrescido do mau tempo, e o mar de grandes ondas nas proximidades da ilha não permitiam um fundeio seguro. Ficamos em frente à ilha esperando o mar melhorar. A situação na ilha era bastante crítica e cada dia que passava piorava mais ainda. Fizemos algumas tentativas de passar tambores de óleo diesel para a terra aproveitando a corrente local, mas não deu certo. Devido ao mau tempo, alguns tambores de óleo, estivados no convés de popa, trincaram e vazaram.

Dois dias zanzamos em frente à ilha, tendo o cuidado de sempre passar em frente ao Poit, comandado na época pelo CC (FN) Azeredo, para que a sua tripulação não pensasse que a corveta tinha ido embora. O mar melhorou e o comandante resolveu fundear o navio a todo custo. Tendo em vista a natureza do fundo, o navio não pôde unhar o ferro sob pena de perdê-lo, mas ficaria fundeado pelo peso de amarra largada. Por esta razão, um homem na proa indicava o melhor ponto de fundeio.

Ao sinal do vigia de proa, o ferro foi largado e uma quantidade de amarra em excesso foi deixada cair para segurar o navio naquele ponto, a poucas jardas da praia. Felizmente correu tudo bem no fundeio, tanto em posição quanto na própria segurança do navio.

O abastecimento da ilha correu normalmente durante todo o dia, mas ninguém baixou a terra, e o navio voltou carregado de caranguejos, umas galinhas-d'angola e dois cabritinhos no convés da popa. O imediato, desta vez, rejeitou a oferta de uma outra caixa de caranguejos.

No dia seguinte, por volta das 20 horas, o comandante resolveu deixar a ilha e regressar ao Rio de Janeiro. Aí começou uma

outra faina pesada: a de suspender. Formou-se uma enorme fila no convés de proa, e cada marujo dava umas 20 maniveladas para subir um ou dois elos de amarra. No início tudo ia bem, mas quando o peso da amarra já não era suficiente para segurar o navio em posição, ele começou a garrar. O imediato, na navegação, tirava posição a cada poucos segundos de intervalo e, conforme o caimento, o comandante ordenava a máquina adequada. Para incentivar a guarnição já cansada, resolveu-se dar uma xícara de cafezinho com uísque para cada 20 maniveladas. A bebida escocesa acabou e

foi substituída por cachaça. Ao menor sinal de embriaguez, o marujo era recolhido à coberta. Final da história: o navio suspendeu com o ferro pendurado pelos cabelos e ainda com uns sete metros de amarra na água. Somente já seguramente afastada da ilha é que se recolheu a âncora no escovém, isto lá pelas 4 horas da madrugada.

O regresso foi tranquilo, a missão foi plenamente cumprida e o comandante e a tripulação da *Corveta Imperial Marinheiro* foram elogiados por meio de uma Ordem do Dia do diretor de Hidrografia (Almirante Bierrenbach), lida em formatura geral.

 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:  
<ÁREAS>; Ilha da Trindade; Corveta; Abastecimento;